

A ARTE DE LECIONAR QUE SE TRANSFORMA EM PRAZER

Marcos Tadeu Possão¹

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade enfatizar a importância do docente e expor uma visão impar da educação, mostrando que a arte de lecionar se transforma em prazer. Prazer este que traz consigo a certeza de um trabalho bem desenvolvido e do alcance de resultados e metas positivos, tornando o aprendizado gratificante. Desse modo, é fácil pensar em uma sociedade melhor pelo vão do ensino-aprendizagem, partindo do pressuposto de que os mediadores do conhecimento, por assim dizer, detém consigo os mecanismos necessários para tal. Em meio a este cenário, o estudo não seria visto como uma mera obrigação, mas sim como um direito indispensável a qualquer indivíduo. Como referenciais teóricos são apresentados Paulo Freire e Mário Sérgio Cortella, na perspectiva de que os pontos aqui expostos, mais do que apresentar os desafios enfrentados pelos docentes na atualidade, enalteçam a figura do professor. Isto posto, pretende-se ainda, com a contribuição de algumas mentes brilhantes como Gabriel Chalita e Serrano Freire, dentre outros, fornecer subsídios para que os docentes possam alcançar o sugerido no título do trabalho.

Palavras-chave: Arte de lecionar. Educação. Ensino-aprendizagem. Mediadores do conhecimento.

¹ Marcos Tadeu Possão, formado em Administração pela Universidade de São Marcos, Mestre em Educação, Cultura, Administração e Comunicação.

ABSTRACT

This article aims to emphasize the importance of teaching and expose an odd view of education, showing that the art of teaching turns into pleasure. This pleasure that brings with it the certainty of a well-developed work and the achievement of results and positive goals, making the rewarding learning. Thus, it is easy to think of a better society by the will of teaching and learning, on the assumption that the mediators of knowledge, so to speak, holds with the necessary mechanisms to do so. Amid this scenario, the study would not be seen as merely an obligation, but as an indispensable right of any individual. As theoretical references are presented Paulo Freire and Mário Sérgio Cortella, in view of the points herein, more than list the challenges faced by teachers today, enalteçam the teacher's figure. That said, it intends to also with the contribution of some brilliant minds like Gabriel Chalita and Serrano Freire, among others, provide subsidies so that teachers can reach the suggested in the title of the work.

Keywords: Art of teaching. Education. Teaching and learning. Mediators of knowledge.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo onde as convicções, e até mesmo a nossa própria personalidade, se alteram em detrimento de fatores externos. Lidar com pessoas, mentes que pensam diferente da sua, não é uma tarefa fácil. Fazer com que essas mentes comprem ideias, sigam uma determinada ideologia e transformem informações em conhecimento prático e ativo; mais ainda.

Mesmo assim, é possível mudar o mundo, mudar a sociedade, torná-lo melhor e mais justo. E a via mais fácil de se obter tal objetivo é a educação. Todavia, é imprescindível destacar que a própria educação é feita, regida, organizada e transferida (em forma de ensino) por atitudes e ações de seres humanos. Essa prerrogativa ressalta a educação de sala de aula, os conhecimentos básicos que devem ser adquiridos por qualquer cidadão.

Transformar o conhecimento em algo concreto não é uma tarefa fácil. É necessário maestria, talento, arsenal metodológico. O docente, agente mediador entre conhecimento e aluno, é vital nesses momentos.

Para isso, a inspiração e a motivação devem nortear a rotina, o dia a dia do docente, para que possam encontrar em seu trabalho mais do que um compromisso, e sim um ideal de vida. Atrelado a elas, o aperfeiçoamento constante fornecerá os subsídios necessários para um fazer pedagógico eficiente.

CHALITA desta que:

O desempenho, o sucesso e a ampliação do potencial dos aprendizes dependem de nossa sensibilidade para vê-los como seres humanos e não apenas como números registrados nas listas de chamada. Por meio dessa prática, nós, educadores, poderemos ter a chance de ir além e de também aprender com nossos educandos. Sem essa troca essencial, estamos condenados a perder o brilho, a seiva, o norte... Educar é, sobretudo, nunca deixar de aprender e de acreditar.

(2003, p. 65)

O referido artigo constitui uma pesquisa bibliográfica e com estudos de caso. Nele, além de referências e suporte para o entendimento da figura do professor enquanto agente de transformação da sociedade, são expostos anseios da classe, opiniões de profissionais, vivências e experiências de pessoas que estão inseridas no contexto educacional quase que diariamente, destacando suas convicções acerca do nosso cenário atual de educação.

Nessa perspectiva, é necessário destacar a importância do apoio de todos os agentes que compõem a comunidade escolar para que o aprendizado não se torne uma utopia, e sim algo plenamente viável e natural.

Aliados, protagonistas e co-protagonistas da educação, somando todos os seus esforços, dentro de suas atribuições e responsabilidades, podem construir uma nova estrutura educacional, onde professor e aluno não são os únicos envolvidos, onde a distância entre o conhecimento e o desconhecimento é curta e fácil de ser superada.

Para isso, é fundamental que a arte de lecionar se converta em prazer e que o prazer de lecionar se transforme em arte. Assim, o artista contemplará sua obra não com uma ótica unidirecional, mas com uma multidiversidade de olhares que seguem a direção de cada uma das mentes às quais se propôs guiar.

É nesse meio que está inserida a solução para todos os males modernos. Com esse horizonte, sim, é possível pensar em um novo universo, não o universo científico, mas semelhante a ele, um universo com uma expansão regida pela força da educação. Para isso, fica um último registro, não menos importante que todos os outros destacados a seguir: *“seja o professor que você precisa ser, seja o professor que você gostaria de ter”*.

2. DESAFIOS DO DOCENTE CONTEMPORÂNEO

Lecionar, nos dias de hoje, não é uma tarefa fácil. O fazer pedagógico perpassa diversas dimensões, incorporando e atendendo os mais variados agentes da sociedade que, interligados, oferecem desafios que exigem aptidão, competência, talento e, sobretudo, manejo pedagógico. É válido salientar que o cotidiano escolar, por apresentar, em sua essência, a obrigatoriedade do gerenciamento de mentes também implica conhecimentos e habilidades que muitas vezes sobrecarregam o professor, obrigando-o a buscar sempre aperfeiçoamento e forçando-o a pôr em prática, constantemente, seu potencial cognitivo.

Indo um pouco além, é inegável que a sociedade, hoje, reconhece a importância do professor. Contudo, muitos ainda não conseguem entender que o conhecimento é a principal via para a construção de uma vida melhor, e que este, sumariamente, está conectado àquele. A partir do momento em que as pessoas começarem a perceber que suas vidas podem ser diferentes com a educação poderemos construir uma sociedade isonômica, desenvolvida e justa. Mais do que isso, construiremos novas perspectivas e destruiremos de vez alguns paradigmas que nos levam ao retrocesso.

Nesse panorama, presenciamos um ser, às vezes acanhado, contido; às vezes acomodado, conformado; às vezes revoltado, insatisfeito; às vezes ativo, inovador; mas ele sempre está ali, acima de todos os percalços e pedras no caminho, acima de todas as provações impostas, ele está ali. Pode ser que a rotina lhe tenha tirado um pouco do brio profissional, mas no fundo acredita na força da educação. Essa, aliás, essas, são algumas das facetas do professor contemporâneo. Hoje é fato que temos profissionais mais capacitados (em relação ao conhecimento) que outrora. Contudo, atendemos a uma classe, um sistema que, a cada dia, gera fatores de risco para a extinção do quadro.

Segundo Gabriel Chalita “A evolução, a superação de limites são façanhas impossíveis sem a educação como fundamento e suporte”. Isso só reforça tudo aquilo que foi mencionado nos tópicos anteriores. Contudo, é necessário considerar que a raiz do insucesso de muitas propostas pedagógicas está em alguns fatores

preponderantes que acabam por embarreirar o trabalho do professor. Alguns deles serão destacados a seguir.

2.1. FATORES PREPONDERANTES AO FAZER PEDAGÓGICO

O fazer pedagógico está, inegavelmente, conectado à figura do docente. Mas do que isso, depende diretamente do docente. Entretanto, há de se considerar que alguns fatores influenciam, direta e indiretamente, a realização de um bom trabalho e da conquista de bons resultados. Tais fatores estão presentes no cotidiano de praticamente todos os professores. À medida em que forem mencionados e contextualizadas serão destacadas algumas possíveis soluções para que os mesmos não comprometam o trabalho docente, e sim, o auxiliem para que todos sejam beneficiados na jornada educacional.

1. Indisciplina e rendimento escolar: Em média, o professor brasileiro gasta 20% do tempo de aula com indisciplina, ou melhor, tentando controlar a indisciplina. Todo esse tempo perdido gera um impacto negativo no rendimento escolar. É necessário considerar que esse problema vem crescendo dia após dia. Não podemos negar que indisciplina é um tópico que ocorreu, ocorre e ocorrerá na rotina pedagógica. Contudo, é imprescindível incorporar novas concepções para fazer do estudo algo mais prazeroso, de maneira que isso vá se esvaindo com o tempo. Outro detalhe importante a se considerar é que a indisciplina acarreta estresse, e com ele outros tantos transtornos que afetam o magistério. Para que isso não se torne um fato corriqueiro e nato da profissão é preciso estabelecer normas que sejam cumpridas, principalmente nos casos extremos, onde a postura discente possa acarretar danos ao professor. Além disso a formação continuada e a busca por novos recursos metodológicos ancorados às novas tecnologias podem surtir efeito positivo.

2. Apoio familiar: Muitas famílias pensam, de maneira equivocada, que a educação é única e exclusivamente obrigação dos municípios e do estado. É triste saber que

muitos pais veem a escola como um desafogo, um lugar onde jogam seus filhos para ficar livres de problemas o resto do dia. É espantoso, mas isso acomete muitas famílias brasileiras. Em paralelo, encontra-se o professor, que nessa perspectiva também é obrigado a assumir um papel, muitas vezes, de família. Sem falar nas convocações à escola que são ignoradas, sem falar nas tantas vezes em que os exercícios vêm respondidos por mãos que não deveriam tê-los feito, sem falar nas inúmeras grosserias ouvidas quando o rendimento escolar está aquém do esperado, principalmente quando o mesmo repercute em uma recuperação ou reprovação. Falta esse apoio, falta essa consideração, mais do que para com o professor, e sim para com o filho, a filha, o neto; o aluno que, diante de tais posturas, acaba por ser prejudicado ou estimulado a adotar uma postura que só lhe trará prejuízos no futuro. A solução para essa situação está na própria educação. É necessário ter um trabalho direto com os pais e/ou responsáveis. Fazê-los entender que o futuro dos alunos também é reflexo de suas posturas. Que dar exemplo é sinônimo de educar.

3. Precariedade de condições trabalhistas: Salas de aula distribuídas pelo mundo hoje contam com aparato tecnológico moderno que trazem mais qualidade ao ensino-aprendizagem. É pena que essa realidade não seja a mesma em todas as escolas. Vários docentes sofrem com condições precárias de trabalho. Salas deterioradas, recursos escassos, até mesmo materiais básicos como pincel para quadro branco às vezes faltam na instituição de ensino. Esse tópico está diretamente conectado ao primeiro destacado. Hoje muito se exige enquanto diversidade metodológica, mas a assistência é um tanto falha. Um ambiente escolar precário impacta diretamente a educação de forma negativa. É preciso assegurar aos professores condições trabalhistas, é necessário garantir recursos para que possam maximizar seu rendimento, e mais do que isso tornar as aulas mais atrativas, mais instigantes. Quando isso for possível, consequências positivas virão, como menos evasão escolar, menos indisciplina e, certamente, bons resultados.

4. Regalias, onde estão vocês?!: Em um pronunciamento, na terça-feira, 27 de setembro do ano corrente, o ministro da Educação, Mendonça Filho, tentou esclarecer uma expressão que vem ganhando notoriedade principalmente nas redes sociais: “os

professores têm regalias que precisam ser cortadas”. De fato, não há evidências que o ministro fez tal pronunciamento, ou mesmo que pensa assim. Inclusive se defendeu dizendo que a expressão é uma calúnia e que não a proferiu. Todavia, a situação gerou um espasmo impressionante, principalmente na classe do magistério. Não à toa um tópico destinado exclusivamente para isso. Começemos citando o fato do piso nacional atual não ser muito estimulante para quem quer ingressar na carreira. Além disso a própria adequação da rede municipal/estadual ao piso nacional não é imediata: diversos servidores não recebem aumento salarial como preza a lei, ou em outras circunstâncias enfrentam uma demora absurda para a concretização do fato. Outro fator que poderia ser preponderante, o das férias, também não é muito incentivador, visto que, analisando outras instituições ou centros trabalhistas, que oferecem feriados, por exemplo, os professores têm apenas recessos pedagógicos, pois a classe é obrigada a cumprir obrigatoriamente 200 dias letivos, além dos períodos de reforço e recuperação paralela (sem contar as semanas/jornadas pedagógicas). Sem esquecer que se a classe adotar uma paralisação, como reivindicação a determinado direito, é obrigada a repor toda carga horária paralisada, o que não acontece com outros servidores, por exemplo. É preciso destacar também que o direito a uma aposentadoria em regime especial não é nada mais do que a obrigação para com esse profissional, ao passo que ali se encontram alguns dos profissionais mais susceptíveis a transtornos psicológicos e mentais, expostos a doses quase que diárias de estresse. Após expor todas essas regalias, vamos encerrar destacando que em outras culturas, outros países, a valorização do professor é extrema, e isso reflete diretamente na conquista de bons índices de aprendizagem. É preciso assegurar regalias verdadeiras e não migalhas para que a motivação seja o carro chefe do avanço da nação.

2.2. TROCANDO EM MIÚDOS

A princípio pode parecer que o presente tópico não condiz com o título do trabalho. Todavia, é necessário fazer alguns esclarecimentos.

1. Não há como enaltecer uma determinada profissão sem conhecer seus anseios, suas angústias e desafios.
2. As situações/condições apontadas expõem, além das críticas, possíveis soluções para os problemas.
3. É preciso tornar público os percalços do magistério para que o impacto possa refletir valorização à classe.

Não fica aqui uma nota de repúdio ou tentativa de desvalorização da classe, pelo contrário. É preciso conhecer afincamente o dia a dia docente para que o julgamento e a avaliação do seu trabalho sejam justos e dignos. Nosso município, nosso estado, nosso país, nosso mundo, precisam de professores. Afinal de contas, a base de toda sabedoria, de toda conquista, é sempre um bom professor, que faz o seu trabalho com carinho e responsabilidade.

Portanto, já está na hora dessa figura ser valorizada e respeitada da forma que merece. Recebendo o reconhecimento por seu insubstituível papel social.

3. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ÂMBITO ESCOLAR

Transformar o conhecimento em algo concreto não é uma tarefa fácil. É necessário maestria, talento, arsenal metodológico, entre outras qualidades. O docente, agente mediador entre conhecimento e aluno, é vital nesses momentos. A escola tradicional, onde os únicos recursos utilizados para transposição de conhecimentos são livro e quadro negro, não deve existir e, em seu lugar, deve estar inserida uma nova estrutura, onde o aprendizado flui à medida em que o docente, inspirado, faz seu trabalho focado no aprender.

A inspiração, o gosto, o zelo, o carinho pelo discente são vias que fazem do ato de ensinar uma dádiva, uma vez que a concretização da aprendizagem é reflexo, principalmente, das ações docentes. Uma frase muito impactante traz a seguinte afirmativa: “Ensine seus alunos com a mesma consideração com que ensinaria seus filhos” (Autor desconhecido). Se considerarmos que esses alunos carecem de apoio, atenção, respeito e carinho; é possível agir de forma diferente, com mais compromisso. Porém, é fácil lidar com a situação quando a profissão não é tida única e simplesmente como obrigação (a seguir, um tópico explorará esse assunto mais afincado).

Outro fator preponderante a ser considerado pelo mediador educacional é que o ambiente, o cotidiano escolar, implica, automaticamente, um convívio com concepções diferentes, personalidades diferentes, culturas diferentes. Sobre isso Cortella afirma que:

Atuar em educação é lidar com formação e informação; é trabalhar com o conhecimento e que, embora se privilegie o extremamente recente (historicamente falando) científico, abrange também o estético, o religioso, o afetivo.
(p. 21, 2011)

Nessa perspectiva, o educador necessita possuir algumas habilidades e manejo pedagógico que possam naturalizar o convívio no ambiente educacional. Hoje, problemas envolvendo violência e bullying estão cada vez mais frequentes. Mas o docente inspirado e inspirador sobrepõe todos esses problemas.

Freire, em seu livro “Seja o professor que você gostaria de ter”, cria um adjetivo complementar bem particular para o docente:

O professor encantado vê em cada aluno um novo construtor do mundo; alguém que veio para dar continuidade ao eterno encantamento do ser humano. Precisa ser trabalhado, burilado, amado, respeitado, encantado.

O professor encantador se esforça mais que qualquer outro.

Não culpa seus alunos, ao contrário, seduz, conquista, cria amigos e seguidores.

Vibra com as suas vitórias, comemora suas conquistas. O professor encantador se encanta com o sucesso dos seus alunos.

Entretanto, precisamos estar atentos aos nossos desafios; muitos nos fazem perder o encantamento pelo que somos, pelo que fazemos. E quando deixamos de estar encantados as coisas perdem o sentido, o brilho, a razão.

(2010)

Tornar-se esse ser encantador, apaixonado pela sua profissão, mais do que isso, apaixonado pela sua missão, é uma metamorfose que vai sendo construída mensalmente, semanalmente, diariamente. Acima de tudo, conseguir alcançar a dádiva de ser esse ser encantador, é um dos segredos para conseguir o prazer na docência, prazer esse que reflete resultados, que reflete motivação e disposição para fazer das suas responsabilidades não um carma, mas uma absoluta fonte de autorealização.

Projetar-se nesse universo não é nada impossível, visto que ele está à disposição de qualquer um que queira se aventurar nas águas límpidas e puras do magistério. Um lugar onde somos seres encantados e encantadores, trabalhando incansavelmente para inspirar outros seres que, direta e indiretamente, dependem de seus professores para tornarem-se, também, seres encantados.

3.1. A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SEGUNDO MARIO SÉRGIO CORTELLA

Para Cortella:

Uma das questões cruciais para as nossas práticas pedagógicas é a concepção sobre o conhecimento e, no mais das vezes, este é entendido como algo pronto, acabado, sem conexão com sua produção histórica. Também é tratado como algo mágico, que “cai dos céus”, como nas lendas do “eureka” de Arquimedes ou do cientista como um ser genial dentro de um laboratório. A mídia e os que não têm desenvolvido o pensamento crítico deixam-se levar pela convicção de que é um outro mundo, ao qual não terão acesso. (p. 101, 2011)

Pensando desse modo é importante ressaltar que a incorporação de conhecimentos, mais precisamente a transmissão de conhecimentos, não pode obedecer um padrão, algo pronto, como uma receita que pode ser repassada e divulgada com total garantia de sucesso.

Mais do que isso, é algo que precisa ser preparado minuciosamente levando-se em consideração a diversidade das mentes humanas e que elas precisam de diferentes incentivos para desenvolverem interesse e, conseqüentemente, alcançarem o arsenal de conhecimentos necessário para suas vidas.

Outro fato que deve ser considerado é o de que não se pode rotular uma metodologia, não se pode rotular uma determinada disciplina, fazendo com que se estabeleça uma visão equivocada e errônea dela, o que pode culminar em um desgosto ou desprazer por parte da classe docente. Tal situação pode pôr em risco não só o aprendizado de um ano letivo, como também toda carreira estudantil de um determinado indivíduo.

4. MOTIVAÇÃO: FATOR DETERMINANTE PARA UMA PROFISSÃO FELIZ

Trabalhar com motivação é vital para qualquer profissão. Sobretudo àquelas nas quais o convívio direto com pessoas é inevitável. É necessário salientar ainda que ela é um “processo que está diretamente ligado a todo o crescimento do ser humano em suas etapas de desenvolvimento, revela-se em desejos, intencionalidades e aspirações, como ensejos em toda a vida: querer, ser e realizar” (ANTUNES, 2012, p. 38).

A construção da motivação, ou automotivação, é feita diariamente e se dá, inicialmente, no meio familiar, onde o indivíduo estabelece seus primeiros convívios sociais e emocionais e, assim, estabelece impressões próprias sobre sua personalidade e a das pessoas que o cercam, sabendo como se portar e agir para alcançar seus interesses. Aos poucos isso se torna mais sólido, a dita personalidade aflora e à medida em que a perspicácia e a resistência às provações do dia a dia vão crescendo, o ser humano reconhece que precisa do que comumente classificamos como motivação para chegar aos seus ideais, seus sonhos e seus desejos.

No caso da docência isso não é diferente, precisa-se de profissionais motivados no magistério. Mais do que isso, precisa-se de professores que consigam encontrar motivação no magistério. Mesmo com todos os desafios inerentes à profissão, encontrar razões concretas e absolutas para estabelecer um sentido positivo no que se propõe a fazer é um pensamento que deve acompanhar todo professor.

Sobre isso, Antunes ainda reforça que:

Nos dias de hoje pensar no desenvolvimento humano, na qualidade de vida, no bem-estar das pessoas, em um maior entendimento acerca da motivação, na necessidade de práticas pedagógicas motivadoras e na possibilidade do autoconhecimento do educador, sobretudo na qualidade da Educação, evidencia a reflexão sobre quais motivos fazem com que as pessoas atuem e busquem seus objetivos. Acredita-se que a motivação é um processo complexo, que envolvem diferentes variáveis que a determinam.

(2012, p. 39)

Práticas pedagógicas motivadoras podem ser a chave para a excelência no magistério. É possível alcançá-las encontrando os pontos positivos da profissão, encontrando prazer na arte de lecionar. O compromisso do profissional para com a sociedade não pode ser esquecido. Mais do que obedecer normas, regras e estatutos, devemos ter em conta que a figura do professor implica compromissos éticos e morais.

“A questão do compromisso do profissional com a sociedade nos coloca alguns pontos que devem ser analisados. Algumas das reflexões das quais não podemos fugir” (FREIRE, 2013).

Muitas destas reflexões são camufladas, às vezes, pelo próprio profissional que não consegue alcançar a motivação necessária para fazer fluir de si a essência necessária para a auto realização.

Segundo Freire:

No momento em que esta necessidade nos é imposta, cada vez mais claramente, como uma exigência prévia à análise do compromisso definido – o do profissional com a sociedade –, uma reflexão anterior se faz necessária. É a que se concentra em torno da pergunta: quem pode comprometer-se? Contudo, como pode parecer, esta pergunta não se formula no sentido da identificação de quem, entre alguns sujeitos hipotéticos – A, B ou C –, é o protagonista de um ato de compromisso, numa situação dada. É uma pergunta que se antecipa a qualquer situação de compromisso. Indaga sobre a ontologia do ser sujeito do compromisso. A resposta a essa indagação nos faz entender o ato comprometido, que começa a desvelar-se diante da nossa curiosidade.
(2013)

4.1. POR QUE EU CONTINUO SENDO PROFESSOR?

Seguir a carreira docente nos dias de hoje é carregar um fardo que é, para muitos, impossível de manter. Os pontos destacados na primeira parte deste contexto nos remetem a uma realidade enfrentada diariamente por diversos profissionais que superam provações que põem à prova mais do que seu potencial: sua autoestima.

Ser professor nos dias de hoje nos remete a diversos paradigmas. É mais do que uma profissão, mais do que um mero afazer diário, mais do que um emprego, mais do que o popular “empurrar com a barriga”. São chamados a construir uma sociedade melhor por meio do conhecimento, por meio do gerenciamento de diversas mentes que podem ser manipuladas por uma só, mas que têm desejos e vontades que forçam os docentes a adotar uma personalidade que não é moldada, em alguns casos, pela sua própria vontade.

Para efetivar o repasse de conhecimentos, o que é ministrado diariamente em sala, é preciso sair do que comumente se conhece e designa “zona de conforto”. Sobre isso Cortella destaca, em uma de suas obras, a seguinte narrativa:

O sempre surpreendente Guimarães Rosa dizia: ‘o animal satisfeito dorme’. Por traz dessa aparente obviedade está um dos mais fundos alertas contra o risco de cairmos na monotonia existencial, na redundância afetiva e na indigência intelectual. O que o escritor tão bem percebeu é que a condição humana perde substância e energia vital toda vez que se sente plenamente confortável com a maneira como as coisas já estão, rendendo-se à sedução do repouso e imobilizando-se na acomodação.
(2016)

Diariamente a autoestima do professor é posta à prova. E diariamente respondem ao questionamento: Por que eu continuo sendo professor?

Alguns professores responderam a este questionamento. As respostas foram analisadas e algumas delas estão expostas a seguir:

Professor “A”: Ah, eu sigo nessa profissão pelo fato de minha cidade não oferecer muitas opções de trabalho. Embora seja contratado e às vezes o meu salário atrase é um bom meio de renda. Tenho despesas e família pra sustentar, assim diante do cenário, não me vejo em outra profissão que me assegure a mesma rentabilidade que o magistério.

Professor “B”: Desde pequena sempre fui apaixonada pela profissão. Tive ótimos professor. Sempre fui uma boa aluna, disposta a ajudar meus colegas e, mais do que isso, satisfazer minha família. Sei que a educação de hoje, o dia a dia do professor, não é mais o mesmo. Mas ainda acredito que o mundo pode ser melhor, que a escola pode ser vista com bons olhos pelos nossos alunos e alunas. E reconheço que isso só é possível através intermédio de professores que fazem o seu trabalho com compromisso e responsabilidade, por isso continuo sendo professora, por que acredito que posso contribuir para um mundo melhor, para uma sociedade melhor.

Professor “C”: Hoje trabalho na rede estadual de educação. Mais precisamente em uma escola de educação profissional. Não iniciei minha vida profissional na escola onde trabalho atualmente, as coincidências do destino me fizeram aqui chegar. No início, não me via seguindo a carreira docente, era secretária de escola municipal e me sentia muito bem no meu cargo. Algumas experiências iniciais de lotação, inclusive me fizeram pensar em desistir, mas meu marido, que também é professor, sempre me apoiou. Outro fator a se considerar é que estávamos começando uma estrutura familiar e tínhamos muitas dívidas contraídas com a construção da casa e a compra dos móveis. Depois de alguns desentendimentos em duas outras instituições de ensino, com alguns gestores, cheguei a minha atual escola. Sim, falo minha, pois aqui fui acolhida (embora sendo em um município diferente do que moro e tendo de me deslocar diariamente) considero minha escola e aqui, de fato consigo desempenhar meu trabalho da melhor maneira possível, com o apoio de colegas e alunos.

Os depoimentos expostos são de professores das redes públicas de ensino municipal e estadual. Foram destacados apenas três dentre vários. As escolas, bem como o nome dos profissionais, não foram mencionadas a pedido dos próprios professores.

Pôde-se verificar que as visões que os docentes têm de seu papel dentro da educação são totalmente distintas. Muitos citaram o quesito financeiro com sendo o

principal motivo pelo qual continuam na carreira do magistério. Na verdade, o fator financeiro e o desejo de modificar a sociedade por meio do ensino foram os tópicos mais mencionados na resolução dessa pergunta.

4.2. A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NA SOCIEDADE

Em uma de suas mídias, que parabenizavam o professor, a Rede Globo de Programação trazia o seguinte discurso, em um de seus trechos: “A base de toda conquista é o professor; a fonte de sabedoria, um bom professor; em cada descoberta, cada invenção; todo bom começo tem um bom professor”.

Todas as orações destacadas são válidas, além das demais que compõe a letra completa da música. Nossa sociedade precisa de professores, mas hoje ela prima mais do que nunca por um grupo de professores seletos: aqueles que conseguem se adaptar aos anseios de um quadro de discência cada vez mais exigente e que, sobretudo, vem se adaptando a tudo de novo que nossa sociedade vem lhes oferecendo.

Os professores fazem parte de uma parcela da sociedade que, desde os primórdios da humanidade, vem contribuindo diária e incansavelmente para a formação de cidadãos melhores. Os pais e responsáveis depositam nessa classe, além da confiança da educação de seus filhos, a esperança de que se desperte neles a semente para a construção de seus futuros.

Algumas coisas só podem ser aprendidas no meio escolar, com o auxílio de um mediador entre conhecimento e aluno. Mas deve-se ter em mente que essa tarefa perpassa diversos dogmas. E é preciso considerar que os aprendizes têm suas próprias histórias e, mais do que isso, em alguns dias os capítulos não são contos de fada.

Chalita destaca que:

Todos os nossos alunos compõem um complexo contingente educacional, mas, ao mesmo tempo em que formam um grupo, uma coletividade, são também seres únicos, dotados de histórias de vida singulares, ricas e de natureza incomparável. São meninos e meninas, crianças e jovens provenientes das mais diversas realidades e origens. Muitos vivenciam uma infância e uma adolescência repleta de amor, de cuidado, de atenção e de incentivo de suas famílias. Outros, no entanto, sobrevivem a duras penas numa atmosfera densa, pesada, em nada parecida com o que deveria ser o aconchego e a proteção de um lar estruturado. São desprovidos dos referenciais mais básicos e têm por alimento da alma apenas a esperança depositada em dias melhores.
(2003, p.64)

Olhando por essa ótica, é necessário estabelecer um perfil de professor que contemple qualidades como:

- Domínio de conteúdos;
- Consciência das características de desenvolvimento dos alunos;
- Conhecimento sobre as didáticas da disciplina;
- Domínio sobre as diretrizes curriculares;
- Escolha de estratégias de avaliação coerentes com os objetivos de aprendizagem.
- Estabelecimento de um clima favorável de aprendizagem.
- Aplicação de estratégias de ensino desafiantes.
- Otimização do tempo disponível para ensino.
- Conhecimento sobre o sistema educacional e as políticas vigentes.
- Aperfeiçoamento contínuo.

Possuir estes e outros atributos em seu arsenal possibilita ao professor exercer sua profissão com maestria. Mas deve-se levar em consideração, ainda, que a educação não deve perpassar apenas o universo da escola, ela está presente em tudo o que fazemos em nossas vidas.

Sobre isso Ferreira destaca que:

O ensino (ação educativa) não deve ser colocado como algo apenas da esfera da escola (enquanto instituição organizada e voltada para a educação). O processo de ensino permeia todos os níveis de nossas vidas e da sociedade e, ao olharmos para qual é o papel do professor em sala de aula, devemos ter em mente não mais a ideia de formação de sujeitos aptos a atenderem às exigências do mercado – como mão-de-obra especializada e/ou consumidor. Significa perceber o processo de ensino com um processo de construção – através da ação reflexiva - de um sujeito completo, um homem consciente de seu papel social, mais tolerante e respeitador das diferenças, que sabe coexistir... e que traz em si a consciência transitiva (Paulo Freire) da superação, da mudança e do agir.
(p. 7, 2010)

A sociedade precisa reconhecer que só haverá avanço quando possuir professores preparados e capacitados. A humanidade só terá um avanço significativo quando encontrar, na figura do professor, o agente responsável pela transformação de informações em conhecimentos e esses últimos em consciência crítica.

Em todos os setores da educação estão inseridas pessoas que contribuem e contribuirão definitivamente na formação dos cidadãos responsáveis pela construção do futuro, do futuro de uma de uma sociedade que será melhor a partir do momento em que valorizar seus professores.

5. METAMORFOSE: A OBRIGAÇÃO QUE SE TRANSFORMA EM PRAZER

“A arte de lecionar pode se transformar em prazer”. Sim, isso é plenamente possível. Nem todas as pessoas conseguem entender, mas existe algo de muito especial nessa função. Ensinar é algo muito nobre, algo que exige sentimento, esmero, é dar ao outro a oportunidade de compreender o mundo ao seu redor e, além de tudo, fazê-lo compreender que esse mundo pode ser modificado por ele, que pode ser melhor.

O fato de saber que o outro pode construir seu futuro a partir de seus ensinamentos é instigante e motivador. A emergência do aprendizado nos alunos traz em si uma realização que não se pode definir. As vivências diárias, os compartilhamentos de opiniões e pontos de vista, o ensinar a aprender, são fatos que impulsionam a seguir em frente. Todo professor traz consigo um arsenal de sonhos, mas todos eles têm algo em comum, que visa dar às pessoas condições de serem agentes de suas próprias histórias.

A palavra educação movimenta um leque de caminhos a serem trilhados pelos diversos agentes que estão envolvidos, direta ou indiretamente, em seu meio. Educar com excelência é um dom magnífico.

Sobre a educação Chalita ressalta que:

Algumas palavras têm o poder de trazer consigo uma imensa carga de sentimentos, emoções, expectativas, sonhos, desejos e quereres. São, a um só tempo, misto de poesia, de filosofia, de arte... Expressá-las e professá-las pode significar a mudança, a transformação, a transcendência. A junção de suas sílabas tem uma força capaz de mudar o mundo e, em casos extremos, funciona como um artifício bélico do bem, utilizado pelos desbravadores de novos tempos e pelos descobridores de novos caminhos. São armas que injetam ânimo, coragem, sensibilidade, talento. Dessa forma, podemos definir o amplo leque de sentidos e potencialidades da palavra *educação*, cuja beleza está em desvendar novos amanhãs e promissores horizontes.
(2003, p. 64)

A educação, o professor, trazem consigo a oportunidade de dar aos alunos a autonomia para fazerem de suas vidas não uma mera utopia, mas sim de conseguirem

ser o que querem ser. E quanto esse fato se torna realidade, mesmo que com uma pequena parcela do seu público, o instinto de dever cumprido transborda uma realização imensa para o professor. Satisfação e contentamento são adjetivos que acompanham o prazer resultante e fruto da segurança do dever cumprido. É exatamente isso que o docente sente quando leciona.

Em entrevista, alguns professores responderam ao seguinte questionamento: A arte de lecionar pode se transformar em prazer?

Algumas das repostas estão destacadas abaixo.

Professor “D”: Em minha carreira como docente (já tenho, inclusive 20 anos como professora), já presenciei diversas coisas, algumas agradáveis, outras desagradáveis. Vi companheiros abandonarem sua profissão diante dos percalços; vi alguns adoecerem e serem obrigados a se afastar, temporária ou definitivamente da sala de aula, diante do esforço contínuo no emprego de suas cordas vocais a serviço da educação; vi alunos, antes meros coadjuvantes no conhecimento se tornarem colegas de trabalho (alguns inclusive talentosos); entre tantas outras coisas. Mas nunca desacreditei na figura do professor. Realmente lecionar é uma arte, e pode se transformar em prazer a medida em que vemos no outro seres humanos que precisam de conhecimentos, e estes, inegavelmente, estão sobre nossa responsabilidade. A maneira como lidamos com isso nos mostra realmente o verdadeiro professor que nós somos. Sempre costumo pensar assim: Seja o professor que você gostaria que seus filhos tivessem. Ou se não tiver filhos, seja o professor que você gostaria de ter.

Professor “A”: Reconheço que meu trabalho é vital para a construção de uma sociedade melhor. Mas não acredito que, nos dias de hoje, a arte de lecionar se transforme em prazer. Quer dizer, pode ser que em outros ambientes, outras realidades, outros públicos, sei lá?!, isso seja possível. Mas com a clientela que nós temos hoje (os nossos alunos), isso é praticamente impossível. Além disso, “o sistema” nos obriga a adotar posturas incorretas em detrimento dos alunos. Isso me deixa muito insatisfeito. Hoje os alunos têm muitos direitos e nós professores muitas obrigações, essa é a realidade do ensino atual.

Professor “E”: Penso que a questão não é só lecionar para que a coisa toda se transforme em prazer, é mais do que isso, é acreditar nos sonhos dos outros, às vezes, em detrimento dos seus próprios sonhos. Quando um docente pensa assim, quando o seu sonho é fazer com que os outros, os alunos, consigam alcançar os seus, é que a magia de ensinar se transforma em prazer. Mas não podemos esquecer de algo muito importante e que, vez por outra, alguns colegas acabam por esquecer: hoje vivemos em uma sociedade de constantes mudanças; mudanças tecnológicas, ideológicas, comportamentais, etc.; e isso nos remete a um compromisso muito importante: precisamos, mais do que expor conhecimentos, instigar no aluno o instinto de autoaprendizagem. Não podemos agir demagogicamente em sala de aula fazendo com nossos alunos se tornem seres ouvintes e só isso. Precisamos incitá-los na arte da criticidade, pois só assim teremos uma sociedade igualitária.

As respostas acima expõem realidades de alguns professores das redes públicas de ensino nas esferas municipal e estadual. Os mesmos preferiram não se identificar e nem a seus estabelecimentos de ensino.

Contudo, é válido estabelecer algumas interpretações sobre as ocorrências listadas acima. Sabe-se que em algumas escolas a tarefa do professor não é fácil. Os desafios são inúmeros e, inclusive, já foram mencionados neste trabalho. Mas é necessário ter em conta que, por mais desafiador que o cenário pareça ser, sempre haverá seres carentes de um trabalho bem feito, sobretudo quando se leva em conta que os professores possuem em suas mãos a capacidade de gerenciar conhecimentos e, além de tudo, torná-los acessíveis a todos os alunos. Isso tudo com isonomia, não desmerecendo nenhum.

Assim, a arte de lecionar, sim, pode se transformar em prazer. Mas para isso é preciso, como foi destacado na resposta do “Professor E” que os sonhos dos alunos se tornem os sonhos dos próprios professores. Que os anseios discentes se tornem, também, anseios docentes; assim, sem sombra de dúvidas, as vitórias serão mútuas.

5.1. O PRAZER DE ENSINAR

Içami Tiba acredita que “Ensinar é transmitir o que você sabe a quem quer saber. Portanto, é dividir sua sabedoria. Mas é uma gostosa divisão que não segue as leis matemáticas, porque, em vez de você diminuir, você ganha o que nem lhe pertencia”.

De fato, ensinar traz consigo o dom da ampliação do próprio conhecimento. Ensinar significa, também, aprender. “Ensinar faz o mestre atualizar seus próprios conhecimentos, o que aumenta sua sabedoria.

Juncá, sobre a aprendizagem, traz o seguinte pensamento:

Desta forma o que se coloca é uma compreensão da aprendizagem como processo que envolve não só uma assimilação de informações ou uma aquisição de habilidades, mas a busca e construção de uma maneira de responder aos desafios com os quais nos deparamos em nossas vidas. Trata-se aqui de se enfatizar tanto a dimensão da constituição e socialização de um saber, quanto do saber buscar um conhecimento, o que implica na criação de renovadas indagações e na capacidade de encontrar respostas para as mesmas, deixando sempre em espaço aberto para novas perguntas.
(2010, p. 219)

Não há a garantia de que os conhecimentos transmitidos pelo professor serão incorporados fielmente aos alunos. Mas quanto mais o professor puder incorporá-los à sua realidade, mais ele terá interesse em aprender. Ensinar algo que não tem valia para um estudante o estimula a decorar, como um insight desnecessário com durabilidade curta, até o momento da avaliação final, onde tudo que foi memorizado se esvairá.

Os objetivos da docência perpassam muito mais do que a simples transmissão de conhecimentos. É preciso estimular os alunos e fazê-los acreditar que tais conhecimentos serão de grande valia para suas vidas. E para motivá-los é preciso estar motivado, deixar motivar-se.

É preciso deixar que o prazer em ensinar se torne rotina no dia a dia. É preciso deixar que o instinto de aprendizagem permeie a rotina da sala de aula. É preciso deixar que a sobriedade e a embriaguez assumam seus papéis no intuito de gerar satisfação e contentamento. A sobriedade deve tomar seu lugar diariamente quando o objetivo é aprender, incorporar conhecimentos; enquanto a embriaguez deve refletir a overdose desses conhecimentos sendo postos à prova nas vidas de cada um dos alunos que estão em sala de aula.

O prazer pode ser passageiro, momentâneo. Mas também pode ser duradouro, definitivo. O fiel da balança é a inspiração. É preciso ser um ser inspirado e inspirador. Encantado e encantador. Assim, a inspiração e o encantamento, além de atingirem terceiros, atingirão ao mestre, de modo que sua vida docente jamais será a mesma.

6. O MUNDO PRECISA DE MEDIADORES DO CONHECIMENTO

O advento das tecnologias e as telecomunicações implicam, em si, novas maneiras de como se portar na sociedade. Um novo conhecimento, impulsionado por smartphones e computadores, encontra-se descentralizado e flui a partir de diversas linguagens, muitas vezes distorcidas das empregadas no contexto escolar, na sala de

aula. Dessa forma, a exigência em torno do professor é cada vez maior, e as cobranças o levam a adequar sua metodologia à realidade dos alunos.

Libâneo destaca que:

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. (1994, p. 87)

O conceito aqui empregado de “Mediador do conhecimento” pode ser compreendido como mediador entre o conhecimento e o aluno. A sociedade prima por profissionais que consigam efetivar essa tarefa. Profissionais que, no dia a dia, conseguem estabelecer uma conexão firme e contínua entre o que é repassado em sala de aula e o que o aluno vivencia em sua realidade, em seu contexto social.

Essas e algumas outras características pertinentes ao professor são a base para a construção da criticidade e da autonomia em seus alunos, de modo que os mesmos possam fazer uma leitura consciente das situações que os cercam.

Para que a mediação entre conhecimento e aluno se torne sólida o professor deve gostar do que faz. Não basta desempenhar uma função simplesmente pelo carma da obrigação. É preciso trabalhar com alegria, para que as dificuldades diárias não afetem seus recursos metodológicos, acabando por impedir a efetivação de seus objetivos.

Para Freire:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo de que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente de inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A esperança é uma espécie de

ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto desse ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da história. (1996, p. 29)

A alegria e a esperança devem permear a rotina educacional. Como o autor menciona, professor e alunos devem aprender juntos, compreender que a união no processo de ensino-aprendizagem é a base para que esse processo surta um efeito positivo.

A concepção da mediação também deve ser pensada na ótica dos demais agentes que compõem a unidade de ensino. É preciso saber e compreender que a educação é um mecanismo que não se estabelece única e exclusivamente em sala de aula.

Somado a isso é preciso ter a esperança de que dias melhores virão e, junto com eles, a certeza de que a mediação entre conhecimento e aluno está sendo feita da melhor maneira possível.

Essa certeza do trabalho bem feito, do trabalho que modifica a sociedade por meio do ensino, que faz do mundo um lugar melhor por meio da instrução, é uma das coisas que fazem com que o docente acredite na arte de lecionar que se transforma em prazer.

7. CONSIDERAÇÕES FIANIS

Diversos são os obstáculos encontrados pelos docentes diariamente. Os mesmos acarretam dificuldades imensuráveis para que a prática pedagógica possa fluir e trazer consigo um ensino de qualidade. É inegável que vivemos em uma

sociedade em constante mudança, que traz consigo a necessidade de aperfeiçoamento e adequação aos anseios do mundo contemporâneo.

Por outro lado, é válido salientar que a classe discente a qual os professores lhe dão nos dias atuais está cada vez mais exigente. Ela exige novos arsenais metodológicos, novos métodos de ensino-aprendizagem. Entretanto, está mais suscetível aos erros. E é aí que a arte de ensinar está pecando um pouco. Os erros devem ser considerados, pois escondem em sua essência a raiz das deficiências do processo.

Ainda há de se considerar que a motivação é vital para que o cotidiano pedagógico não se torne fatigante e traga consigo a desesperança e o desprazer. Um professor motivado é um professor feliz, e um professor feliz certamente faz seu trabalho com responsabilidade, compromisso e, mais do que tudo, inspiração.

É preciso acreditar em dias melhores, acreditar em uma educação, um ensino, que seja regido por profissionais sérios e cientes de seus papéis para com a sociedade. A aprendizagem é um processo, onde estão inseridos dois agentes principais: professor e aluno. Mas, acima de tudo, não se pode entregar apenas a estes todo o fardo da responsabilidade no alcance de um cenário educacional ideal.

O apoio de todos que compõem uma instituição de ensino, direta e indiretamente, deve nortear a construção de uma educação sólida e eficaz. Essa parceria assegura o fortalecimento das interações entre os agentes da educação. Isso intensifica o pressuposto de que a escola é de todos e para todos.

Cunha salienta ainda que:

Engana-se, pois, o neoconservadorismo educacional quando pretende centrar a formação de professores exclusivamente no ensino de matérias e, por extensão, nas didáticas específicas. Na verdade, *ser professor* na escola de massas inclusiva, na escola para todos e para cada um, exige conhecer as matérias que se ensinam e as didáticas específicas. Mas esta formação é insuficiente, porquanto se centra na mediação do professor entre a matéria e o aluno, ignora todas as outras condicionantes do processo ensino-aprendizagem e os contextos de aprendizagem, nomeadamente os familiares, os sociais e os culturais e reduz as aprendizagens escolares às matérias curriculares.

(2015, p. 11)

Esse mundo em que o foco da sociedade, tendo em vista a educação, está apenas em seus dois agentes protagonistas deve ser desmistificado. Pois o desenvolvimento de uma sociedade igualitária e evoluída implica automaticamente união.

Portanto, é sabido que as dificuldades existem e vão continuar existindo em todos os setores da educação. Todavia, é nesse ambiente que devem agir os mediadores entre conhecimento e aluno. Os seres inspirados e inspiradores, encantados e encantadores, que farão do estudo não uma obrigação, e sim um direito. Aqueles que provam que é possível modificar uma sociedade por meio da educação. Os exemplos de que a *“arte de ensinar se transforma em prazer”*.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Denise Dalpiaz. **Oficinas pedagógicas de trabalho cooperativo: uma proposta de motivação docente**. Porto Alegre, PUC-RS, 2012.

BIZARRO, Rosa; BRAGA, Fatima. **Ser professor em época de mal-estar docente: que papel para a universidade?** 12. ed., Revista da Faculdade de Letras, Porto, 2005.

BULGRAEN, Vanessa C. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento.** 1. ed., Revista Conteúdo, Capivari, 2010.

Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

CHALITA, Gabriel. **O poder de fogo da educação.** Fapesp, 2003.

CORETELLA, Mario Sergio. **Não nascemos prontos!: provocações filosóficas.** Rio de Janeiro, Vozes, 2016.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos.** 14. ed., São Paulo, Cortez, 2011.

CUNHA, Antônio Camilo. **Ser professor: bases de uma sistematização teórica.** Chapecó, Argos, 2015.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir.** 6. ed., São Paulo, Cortez, 1998.

FERREIRA, Jose Carlos Felz. **Reflexões sobre o ser professor: a construção de um ser professor intelectual.** Bocc, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 1. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Serrano. **Seja o professor que você gostaria de ter.** 2. ed., Wak, 2010.

GARCIA, Sandra Regina Rezende et al. **O prazer de ensinar e de aprender: contribuições de uma metodologia no aprimoramento das práticas pedagógicas.** Instituto MindGroup, 2013.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica.** 3. ed.

JUNCA, Denise Chrysóstomo de Moura. **O (des) prazer de ensinar: inquietações de um assistente social-professor.** 19. ed., Franca, 2010.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo, Contexto, 2012.

MARTINS, Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltroniere. **Ensinar é uma arte ou reflexões sobre a docência**. Rio de Janeiro, 2010.

PIRES, Maria Auxiliadora Lisboa Moreno. **A prática do professor: a arte da docência**. Curitiba, 2013.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

TIBA, Içami. **Disciplina Limite na Medida Certa** – São Paulo Editora: Integrare, 2006.